

**ENTRE A TRAGÉDIA E A HISTÓRIA: O PROBLEMA DO TEMPO
HISTÓRICO NA TEORIA DA HISTÓRIA DE GEORG SIMMEL**

Edmo Videira Neto

Mestrando em História – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

edmo.videira@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar as relações constituídas entre três conceitos fundamentais presentes na obra do intelectual alemão Georg Simmel (1858 - 1918): a tragédia da cultura, a história e o tempo histórico. Para isso, utilizaremos como fontes principais os ensaios de Simmel intitulados “O conceito e a tragédia da cultura” (1911) e “O problema do tempo histórico” (1916). Acreditamos que este trabalho pode contribuir para as discussões contemporâneas em torno da teoria da história, principalmente a respeito de importantes questões como o tempo em sentido histórico. Por isso, olhar para as relações entre a ideia de história e o conceito de cultura nos escritos de Simmel nos ajudam a estabelecer novos panoramas sobre a sua obra e, mais especificamente, sobre a constituição da noção de tragédia da cultura e da sua teoria da história.

Palavras-chave: Georg Simmel; Tragédia da cultura; Tempo histórico.

Perpassar pela obra do intelectual alemão Georg Simmel (1858 – 1918) é uma tarefa difícil e estimulante. Autor de vasta produção e considerado um dos “pais fundadores” da sociologia alemã, Simmel dedicou parte de seus esforços intelectuais para estabelecer importantes análises sobre a cultura na modernidade europeia e as questões teóricas referentes ao ofício do historiador. Denominado pelo esteta alemão Stefan George de “o professor da sabedoria” (LEPENIES, 1996, p. 278), Simmel jamais se limitou às regras de produção extremamente fechadas das academias alemãs de finais do século XIX. Como nos aponta Guy Oakes, “não é difícil entender porque as visões de interpretação de Simmel resistem à formulação em uma teoria coerente” (1980, p. 85). Este fator nos coloca na difícil posição de pensar a obra deste intelectual, entendido por nós como um pensador inclassificável e que, na maioria das vezes, adotava a forma ensaística de narrativa. Simmel jamais se comportou ou produziu como um “cientista modelo” de finais do século, pois, segundo Wolf Lepenies, “a coragem em utilizar a intuição em seus textos afastou gradativamente Simmel da academia” (1996, p. 276). Prova deste afastamento da cientificidade, é o fato de Simmel, um dos intelectuais mais

brilhantes e produtivos de sua época, ter conseguido uma posição em uma universidade alemã somente em 1914, quatro anos antes de sua morte. Também pesava contra ele a sua origem judaica que, nesse contexto, se mostrou como um empecilho importante para promoções e conquistas acadêmicas. Tendo como pano de fundo essas características próprias de Simmel e seus escritos, este trabalho tem o intuito de perpassar por sua crítica a cultura moderna, bem como apontar algumas de suas reflexões sobre o tempo em sentido histórico e a sua ideia de história

Para que possamos nos dedicar neste trabalho à problemática da teoria da história de Georg Simmel e a sua concepção de tempo histórico, faz-se necessário analisarmos as discussões estabelecidas pelo autor em torno do conceito de cultura e da sua tragédia imanente. Em seu ensaio clássico, que carrega o título de “O conceito e a tragédia da cultura”, publicado originalmente em 1911 na seção *Philosophische Kultur*, Simmel apresenta para seu leitor um dos debates mais proeminentes e importantes dentro de seu espólio intelectual que diz respeito justamente ao problema da modernidade, denominado pelo autor, de “tragédia da cultura”. Antes de compreendermos este aspecto trágico presente no cerne da cultura moderna, é importante discutirmos algumas questões relevantes a respeito do conceito de cultura de Simmel

Operando em suas obras a partir de uma ótica polar – como a ideia de universal e particular –, Simmel estabelece, para a sua concepção de cultura, a dualidade entre sujeito e objeto. Tais reflexões são fundamentais para compreendermos o conceito e a tragédia da cultura, visto que é a partir destas categorias duais de análise que nosso autor estrutura toda a sua argumentação. Como nos aponta Leopoldo Waizbort, “Simmel concebe a relação do homem com a natureza, enquanto uma relação de sujeito e objeto, como uma relação conflituosa, e essa relação está posta inclusive no interior do próprio espírito” (2000, p. 116). Essa relação entre homem e natureza se estabelece como um ambiente permeado por tensões entre o sujeito e o objeto, o subjetivo e o objetivo. A dialética entre o sujeito e o objeto se apresenta como parte fundamental da concepção de cultura do autor alemão, pois estes polos constituem o mecanismo primordial no processo de “cultivo” da cultura.

O processo cultural na concepção de Simmel se refere a algo circular, podendo ser entendido como uma circularidade cultural. Para o autor, a cultura é “uma dialética

entre sujeito e objeto, cujo caminho vai do sujeito ao objeto e novamente do objeto ao sujeito” (2014, p. 145) e a sua formação é a síntese produzida pelas aproximações e distanciamentos entre esses dois polos. Para usarmos uma outra definição, a cultura também pode ser entendida como “o caminho da alma em direção a si mesma” (SIMMEL, 2014, p. 145). Neste “caminho” da cultura, Simmel identifica uma série de pontes que atuam na relação entre espírito subjetivo e espírito objetivo na formação do sujeito. Este sujeito, para alcançar o processo de cultivo cultural, precisa retirar dos objetos os elementos fundamentais para essa atividade, uma vez que “o processo cultural é um processo de aperfeiçoamento do sujeito, na medida em que o sujeito reincorpora de algum modo, a forma que é resultado de uma objetivação do espírito” (SIMMEL, 2014, p. 124).

A relação estabelecida por Simmel no processo de formação da síntese cultural também diz respeito a uma outra polaridade concebida pelo autor, referente à vida e à forma. A vida é algo pertencente ao sujeito, entendido como o ser vivente que tece relações, e o conceito de forma se refere ao objeto, se relacionando com as condições para a realização do processo da cultura. Desta maneira, Simmel estabelece as bases para a formação da cultura na lógica dualista sujeito/ objeto, vida/ forma. Segundo Waizbort,

As tentativas de Simmel concentram-se nesse propósito: explorar a relação sujeito-objeto quando o próprio objeto é resultado do sujeito e, ao mesmo tempo, difere dele. A todo instante há um jogo de proximidade e distância, de aproximação e distanciamento, de diferenciação e indiferenciação, que Simmel quer captar (2000, p. 123).

Este cenário, onde forças se repelem e se atraem, nos faz pensar em uma ideia já citada neste texto e que remete a uma possível circularidade da cultura entre sujeito-objeto. Contudo, o processo circular de síntese da cultura não é algo mecânico e automático, pois o retorno do sujeito a si mesmo não é idêntico ao seu ponto de partida. Uma vez que o sujeito é objetificado, a síntese da cultura e a volta a si mesmo ocorre de maneira diferente, visto que “este último sujeito é algo distinto do inicial: ele, na medida em que é capaz de retornar aquilo que fora objetivado, emerge como um sujeito mais completo” (WAIZBORT, 2000, p. 123). Desta forma, compreendemos que “a cultura nasce quando dois elementos se reúnem e nenhum deles a contém em si: a alma subjetiva e a criação espiritual objetiva” (SIMMEL, 2014, p. 147).

Aqui reside o enigma da tragédia da cultura. Simmel identifica na modernidade o momento histórico em que as pontes construídas entre a cultura subjetiva e a cultura

objetiva começam a ser destruídas. Esta relação “quebrada” é denominada pelo autor de tragédia da cultura, visto que “há no interior da estrutura dessa cultura, uma fenda que certamente já está presente em seu fundamento e que faz da síntese sujeito-objeto, o significado metafísico de seu conceito, um paradoxo e mesmo uma tragédia” (2014, p. 153). Esta tragédia anunciada por Simmel consiste especificamente na ruptura da relação entre sujeito e objeto, impossibilitando a síntese cultural e o retorno do espírito para si mesmo. De acordo com Waizbort, “é no dualismo originário do esquema simmeliano acrescido da ideia de uma legalidade própria que marca o passo do desenvolvimento de seus polos, que a tragédia da cultura deita raízes” (2000, p. 126). A tragédia da cultura é entendida então, como algo inerente à relação entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva e sendo gestada nesta própria relação, se constituindo como um fenômeno originário desse dualismo: “pois como destino trágico – ao contrário de um destino triste ou destruidor vindo de fora – nós denominamos o seguinte: que as forças de destruição dirigidas contra um ser tenham origem nas camadas profundas desse mesmo ser” (SIMMEL, 2014, p. 160). Em termos conceituais, podemos definir a tragédia da cultura a partir das palavras de Waizbort, que a compreende da seguinte forma:

A tragédia da cultura é essa transformação descontrolada e desintegradora dos meios em fins: o homem, o verdadeiro fim, torna-se meio; o objeto, o verdadeiro meio, um fim em si mesmo, ao qual os homens acabam por se submeter (2000, p. 128).

Esta passagem além de apontar a conceituação da ideia simmeliana de tragédia da cultura, também fornece uma questão importante dentro do pensamento de Simmel que é a noção da transformação dos meios em fins.

Buscando exemplificar a formulação da tragédia da cultura, Simmel desenvolveu esta ideia de ressignificação do objeto – entendido como um meio até a constituição da tragédia da cultura – em um fim, ou seja, algo que se almeja alcançar. O autor compreendia que a alienação dos objetos em relação aos sujeitos era um fenômeno típico da vida moderna, e como nos aponta Leopoldo Waizbort, “agora eles [objetos] não são mais um meio, não ocupam mais aquela posição mediadora, se não que são eles próprios o fim daquela corrente, e com isso o processo cultural fica bloqueado” (2000, p. 125). Exemplo claro desta transformação dos meios em fins é o papel do dinheiro e sua relação com o homem moderno. Em seu célebre livro *Philosophie des Geldes* [Filosofia do Dinheiro], publicado em 1900, Georg Simmel analisa justamente como a introdução

monetária na modernidade afetou diretamente a relação do ser humano com o trabalho, o dinheiro e a formação da sua cultura¹. Desta forma, temos no dinheiro o elemento representativo do rompimento da corrente entre os meios (objeto) e os fins (sujeito) resultando drasticamente em uma tragédia da cultura.

Quando nos propomos a falar sobre a tragédia da cultura e a transformação dos meios em fins dentro da obra simmeliana, um conceito do autor surge como ponto central para se entender estas questões: a divisão do trabalho. Em uma época marcada pela especialização do trabalhador e pelo florescimento industrial, Simmel dedicou parte de sua obra para diagnosticar o fenômeno moderno da divisão do trabalho. A partir do momento em que o sujeito não concebe a produção de seu trabalho por inteiro, cria-se um novo dinamismo social, onde cada pessoa se torna responsável pela produção de partes de um mesmo produto. Todas essas questões resultam, inevitavelmente, em uma constante separação do produto de seu produtor, pois, como nos mostra Simmel:

Nenhum tecelão sabe o que tece. O produto acabado contém acentos, relações, valores, de acordo com sua pura existência material, indiferente ao fato de o criador saber antes que este seria o resultado de sua criação (2014, p. 158).

Sendo assim, o processo moderno da divisão do trabalho se relaciona diretamente com a tragédia da cultura e com a transformação dos sujeitos em meros objetos localizados na linha de produção industrial. Além disso, “na medida em que a divisão do trabalho desprende o produto final daqueles que contribuem para sua feitura, perde-se a finalidade da produção de um determinado objeto” (WAIZBORT, 2000, p. 125). Tal fenômeno ocasiona uma independência do objeto em relação ao sujeito que não mais se relaciona com este na busca de uma síntese cultural, mas vê na essência do objeto algo a ser alcançado enquanto um fim. O resultado desse processo é sentido na relação cultural estabelecida pelo homem moderno com os objetos, que “passam a existir por si mesmos, independentes dos homens, de modo semelhante como Marx falara da mesas que começam a dançar sozinhas” (WAIZBORT, 2000, p. 128).

Toda essa relação estabelecida por Simmel entre a cultura, seu senso trágico e a divisão do trabalho, ocasionam impactos concretos na vida do homem moderno. Ao

¹ Sobre a análise de Simmel do dinheiro na cultura moderna, ver: BUENO, Arthur. As economias da vida. Dinheiro e arte como formas de vida nos escritos de Georg Simmel. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Ver também: WAIZBORT, Leopoldo. Dinheiro, p. 131-168. In: WAIZBORT, Leopoldo. As aventuras de Georg Simmel. Editora 34, 1ª edição, São Paulo, 2000

mesmo tempo em que este sujeito se vê diretamente imbuído em uma sociedade veloz, automatizada e que busca o desenvolvimento, não consegue alcançar a síntese da cultura, pois as pontes entre sujeitos e objetos foram dilaceradas. Sendo assim, podemos compreender este homem moderno a partir das palavras de Simmel, como “o antípoda de São Francisco” (2014, p. 129). Ao passo que o santo católico nada possuía de valor, mas tudo possuía de conteúdo, o cidadão fruto da modernidade, se estabelece nessa oposição: ele possui acesso a vários bens materiais, ao dinheiro e ao entretenimento, contudo, não obtém nada de conteúdo ou de valor cultural.²

Vimos nesta relação dialética entre o sujeito e o objeto, que a figura do primeiro é permeada por um caráter temporal referente a algo vivente que estabelece relações anímicas com a cultura e a sociedade. Resta-nos agora, estabelecermos a característica do objeto. Para Simmel, os conteúdos objetivos possuem configurações anímicas e atuam nesta mediação entre o sujeito inicial e o sujeito “cultivado” graças a objetificação do espírito. A respeito desta questão, temos em Simmel uma passagem importante e que ajuda a entender este caráter objetivo:

Essas configurações anímicas objetivas de que falei no início: arte e moral, ciência e objetos conformes a fins, religião e direito, técnica e normas sociais – são estações pelas quais o sujeito tem de passar para adquirir esse valor específico que é sua cultura. É preciso que ele os integre a si mesmo, mas ele tem de integrá-los a si, não pode deixá-los simplesmente como valores objetivos (2014, p. 147).

Os conteúdos objetivos possuem uma condição atemporal, pois já estão dados na configuração histórica de um presente graças à pré-formação dos mesmos em um passado. Assim como o sujeito, os conteúdos objetivos recebem uma carga anímica temporal, pois são resultados de construções históricas anteriores a eles. Contudo, o sujeito é um ser passante, temporal, diferentemente do objeto, que possui o caráter de permanência.

Como apresentado até aqui, o debate sobre o processo dialético da cultura e as definições de Simmel a respeito de sujeito e objeto estão no cerne do pensamento do autor. Tais definições são de fundamental importância para este trabalho, pois estabelecem uma relação direta com o que é vivo e o que é inanimado. Simmel entende o

² Esta ideia de que o homem moderno não possui nenhum conteúdo, ao passo em que possui acesso a várias coisas, foi mais bem detalhada por Simmel em seu ensaio *Infelices possidentes!* Para mais informações, ver: SIMMEL, Georg. *Infelices possidentes!* In: SIMMEL, Georg. *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. Arthur Bueno (Org), Editora Senac, São Paulo, 2013, p. 39 – 44.

sujeito como um ser vivente que constrói e é construído pelos objetos presentes na sociedade, gerando neste contato, a síntese da cultura. Desta maneira, segundo Waizbort, “enquanto todo o inanimado possui apenas o momento do presente, o vivente se estende de maneira incomparável sobre o passado e o futuro” (2014, p. 146). Este vivente é então, reflexo de várias formações anímicas de épocas anteriores a ele, que também estão presentes no caráter intemporal dos componentes objetivos da cultura. O ser vivente se abre como o foco de análise da história, uma vez que para compreendê-lo é necessário estabelecermos formas de assimilação do tempo histórico enquanto um entendimento do passado, onde está localizada a formação da alma subjetiva, “pois nenhuma alma é jamais apenas aquilo que é neste momento e sim algo a mais, pré-formado, mais elevado e realizado do que ela mesma” (WAIZBORT, 2000, p. 145).

Se o caráter objetivo para Simmel tem a conotação de algo que permanece e possui continuidades históricas, pode-se inferir a partir desta ideia, que dentro da relação de construção da cultura, a história – assim como a arte, a ciência e a religião – se coloca como um objeto; um meio para que o sujeito construa sua cultura. Mais do que isso, podemos compreender a história como algo a ser buscado pelo sujeito para a sua ressignificação e “cultivo” cultural. É a partir desta hipótese que a discussão de tempo histórico aparece como algo fundamental dentro da obra de Simmel. Ao refletir sobre a questão do tempo, partimos da ideia de que todas as formas sociais e culturais sofrem a agência do correr dos séculos. Desta maneira, devemos entender que a tragédia da cultura também possui um caráter temporal, que ao mesmo tempo é histórico e a-histórico:

A tragédia da cultura possui, portanto, uma dupla dimensão, que se precisa ter sempre em vista. Enquanto metafísica, a-histórica, mas no entanto sempre cristalizada em um processo que é histórico. (WAIZBORT, 2000, p. 127).

Assim, a história também se vê dentro desta tragédia da cultura. Não só por ser um objeto onde o espírito humano busca significação, mas também, por historicizar uma época e a sua ideia de cultura. Além disso a própria cultura também se abre como um objeto da história. Como nos mostra Simmel, “a mudança das formas culturais aparece como o objeto da história em seu sentido mais forte” (2013, p. 120).

O conceito de tragédia da cultura também está situado historicamente em um plano temporal sendo passível de reflexão histórica. Desta maneira, as ideias expostas até este ponto do trabalho conduzem para a análise de uma concepção importante no

pensamento de Simmel, e que deveria nortear as indagações dos historiadores: a questão do tempo. Para que se possa conceber a ideia de uma tragédia, ou mesmo entender a teoria da história proposta por Simmel, é necessário perpassar pelas discussões que o autor estabelece a respeito do tempo, em especial, aquelas presentes em seu ensaio denominado *Das Problem der historischen Zeit* [O problema do tempo histórico³], publicado originalmente em 1916. Logo em sua primeira página, Simmel apresenta uma questão central que diz respeito à falta de reflexões mais aprofundadas sobre o problema do tempo e sua relação com a história: “Parece-me no entanto que nem a relação que o tempo mantém com outros elementos nem o sentido específico de seu efeito na história foram identificados até hoje com a clareza desejável, tampouco com a clareza possível” (2011, p. 9). É na tentativa de refinar as discussões a respeito do tempo histórico, que Simmel dedica seu ensaio. Além disso, suas problemáticas estão acompanhadas de um interesse do autor pela história, como mostra a seguinte passagem de uma carta de Simmel enviada a Heinrich Rickert em 1915: “Tenho percebido perspectivas inteiramente novas sobre o tempo em sentido histórico. Se ainda tiver forças, espero trazer à luz alguns aspectos fundamentais que a teoria da história deixou de lado até aqui” (2011, p. 7). O problema do tempo, da história e de sua compreensão estavam permeando sistematicamente as indagações de Simmel, sendo para nós, uma importante fonte de reflexão.

Na teoria do tempo histórico de Simmel, o conceito de presente tem uma importância única para compreendermos suas ideias. Como diz o autor alemão, “nós somos apenas o presente, só ele é realidade, todo passado é memória, todo futuro é fantasia” (1950, p. 235). Esta passagem nos leva a entender a preponderância do presente para Simmel, visto que é a partir desta temporalidade que o historiador busca realizar sua obra máxima que é a compreensão dos eventos e dos sujeitos históricos. Portanto, é através da relação que o historiador estabelece com o presente, que o mesmo terá a possibilidade de compreender essas memórias do passado que Simmel chama a atenção. Esta é a primeira característica da teoria do tempo de Simmel: a ideia de que o presente é o norteador dos eventos e que a partir dele a história é “construída” enquanto uma forma compreensiva e representativa dos eventos pretéritos.

³ Utilizaremos como referência neste trabalho a tradução para o português do ensaio de Simmel, contida no livro *Ensaio sobre teoria da história*.

A partir do momento em que o presente assume características fundamentais dentro da ideia de tempo simmeliana, temos a possibilidade de questionar algo estruturador da história como conhecimento no século XIX e que permanece até os dias atuais: a cronologia. Simmel entendia que os eventos não se realizavam necessariamente de uma forma cronológica, encadeada, onde um acontecimento automaticamente levaria a outro, como se o passado fosse uma espécie de antessala para algo futuro. Ao contrário desta ideia de assimilar o tempo enquanto algo cronológico e factual, Simmel compreendida que o mais importante para o historiador era situar os eventos históricos em um determinado período, pois “se estiverem situados no tempo em geral e não num tempo determinado, são historicamente vazios” (2011, p. 10). Sendo assim, Simmel abre espaço para se pensar um duplo movimento em sua teoria do tempo histórico, anunciado a partir da diferenciação entre os conteúdos da História (entendidos aqui como eventos e acontecimentos) e algo maior que denominamos história: “Da mesma maneira, o tempo é apenas uma relação dos conteúdos da História entre si, ao passo que a história, considerada como um todo, está fora do tempo” (2011, p. 13). Este movimento duplo anunciado, remete-nos a diferenciação simmeliana entre realidade vivida e conhecimento construído. A partir desta conceituação, podemos compreender, agora, que os conjuntos de acontecimentos históricos estão situados dentro da realidade vivida, ou seja, pertencem ao sentir e ao agir dos sujeitos que já tiveram suas experiências temporais encerradas. Contudo, Simmel concebe a história como algo maior do que simplesmente o tempo cronológico da realidade vivida, situando esta forma de compreender o mundo no plano de um conhecimento construído. Este é, portanto, o processo de dar forma ao passado, entendido aqui como a chave central no pensamento simmeliano. Esse processo é realizado pelo historiador através da construção de um sentido para os eventos e conteúdos históricos, buscando construir uma “totalidade”⁴ histórica para a compreensão humana.

Retornando a uma problemática que dá origem a essa ideia de um duplo movimento entre o evento em si e a história como um todo, percebe-se na cronologia um ponto fundamental no pensamento de Simmel sobre a teoria da história. O autor não nega

⁴ Compreendemos aqui a ideia de totalidade como algo maior do que os eventos históricos, algo que diz respeito ao que entendemos por história, ou seja, a construção total de um conhecimento sobre o passado.

que os eventos estão compreendidos em uma espécie de “linha sucessória” ou mesmo a partir de uma lógica de continuidade e ruptura. Contudo, Simmel não entende que esta predisposição dos eventos em uma cronologia é fundamental para a compreensão do passado, pois:

Essa compreensão, que visa a estabelecer a relação de elementos determinados, independe do lugar que o conjunto ocupa em nossa cronologia: se ele é compreendido não é por ocupar tal posição mas porque seus conteúdos se condicionam uns aos outros. Esse tempo imanente, próprio de um conjunto de fatos compreendidos, não é o tempo histórico. É semelhante ao tempo que, nas ciências da natureza, convém medir durante uma experiência (2011, p. 11).

Simmel chama a atenção justamente para a ideia de que o tempo histórico não é o tempo imanente, ou seja, não está naturalmente dado e não corresponde diretamente ao encadeamento dos eventos históricos. O tempo interessante para a história é aquele que é construído, aquele para o qual é dado uma forma histórica a partir de uma compreensão dos eventos e dos sujeitos. E esta forma histórica a qual nos referimos é um resultado da interpretação e da compreensão dos eventos do passado. Como nos aponta Simmel,

Damos forma histórica aos acontecimentos por meio de um procedimento que reúne, em torno de cada um desses pontos de cristalização, certo número de processos particulares e distintos, cujo conjunto, considerado “um acontecimento”, se distingue dos acontecimentos vizinhos (2011, p. 20).

Estes “pontos de cristalização” são os momentos, os fatos e as agências históricas que para Simmel são a base do processo de compreensão e representação do passado. É nessa tarefa de compreender os pontos cristalizados onde se inicia o ofício do historiador de dar forma ao passado histórico.

Resta-nos agora estabelecermos uma definição importante para se compreender a ideia de tempo histórico em Simmel: o conceito de evento histórico. Para se pensar a ideia de uma teoria do tempo, o autor alemão estabelece as bases de seu entendimento de evento histórico enquanto algo que é resultado de uma dupla combinação entre a existência temporal (de sujeitos e acontecimentos) e a compreensão histórica:

Pode-se dizer que um evento é histórico quando, por motivos objetivos, indiferentes à sua posição no tempo, ele ocupa uma posição claramente determinada no tempo. Logo, um conteúdo não é histórico apenas por existir no tempo ou apenas por ser compreendido. Ele só se torna histórico quando esses dois aspectos se encontram, quando a compreensão intemporal permite inscrevê-lo no tempo. Mas isso só pode ocorrer nos casos em que a compreensão abrange o conjunto dos conteúdos, pois só a coerência do todo absoluto se torna verdadeiramente compreensível o conteúdo do particular (2011, p. 15).

Desta maneira, Simmel lança luz sobre as prerrogativas necessárias para que algum feito se torne histórico.

Entendemos, portanto, que tragédia, história e tempo histórico, possuem uma intrínseca relação de aproximação. Desta forma, acreditamos que a influência da história no processo trágico da cultura moderna e as definições epistemológicas do tempo em sentido histórico, contribuem de maneira ímpar para que se possa pensar a teoria da história simmeliana em um contexto extremamente importante para as Ciências Humanas. Além disso, essas instâncias que foram discutidas aqui estabelecem relações diretas com a vida, ou seja, com a realidade efetiva que é utilizada pelo sujeito histórico em seu processo de cultivo cultural. Por isso, acreditamos que os conceitos de Simmel possuem uma conexão direta e precisam ser entendidos justamente nas aproximações e distanciamentos entre eles. Mais do que esgotar uma obra tão vasta como a de Simmel, nossa intenção foi apresentar alguns desses conceitos e demonstrar a centralidade deles dentro dos escritos do autor alemão.

REFERÊNCIAS

BUENO, Arthur (Org). **O conflito da cultura moderna e outros escritos**. Editora Senac, São Paulo, 2013.

LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. São Paulo, 2013.

SIMMEL, Georg. **Ensaio sobre teoria da história**. Editora Contraponto, Rio de Janeiro, 2011.

SIMMEL, Georg. **Essays on interpretation in social Science**. Translated and edited with an introduction by Guy Oakes. Rowman and Littlefield, New Jersey, 1980

SIMMEL, Georg. **O conceito e a tragédia da cultura**. Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v.9, n.1, p. 147, jan/jun 2014.

SIMMEL, Georg. **Problemas de filosofia de la historia**. Buenos Aires, Editorial Nova, 1950.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. Editora 34, São Paulo, 2000.